

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 10)

Serra do Pilar, 11 junho 2015

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29)!

R. **E desça sobre nós a tua bênção!**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito** (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (6,1-2, 6 e 9-15)

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então, tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo:

(...) Tu, quando orares, entra no teu quarto mais secreto e, fechada a porta, ora em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-te. (...)

Ora, pois, assim:

“Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia; perdoa-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.

Salmo 149

Esta é a geração dos que procuram o Senhor!

Cantai ao Senhor um canto novo:
na Assembleia dos Santos se celebra o seu louvor;
Alegria para Israel n´Aquele que o criou;
para os filhos de Sião, o seu Rei é uma festa!

O Povo dançará em honra do seu nome,
ao som da música, cantará o seu Louvor;
pois o Senhor se alegra no seu Povo,
de Liberdade ele veste os filhos dos pobres!

Os seus preferidos exultam de glória,
em todo o lugar eles aclamam o Senhor;
suas gargantas não se cansam de dar graças,
segurando na mão a espada de dois gumes!

Para instaurar a Justiça entre os povos,
para castigar a arrogância dos impérios,
para lançar nas masmorras os poderosos,
para lhes aplicar a sentença da Justiça!
Glória aos preferidos do Senhor!
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
ao Deus que é, que foi e que vem,
pelos séculos dos séculos. Ámen!

A linguagem que Deus entende, a humana

Praticamente desde o Concílio de Trento que deixou de haver expressão artística inovadora da fé cristã. Depois dos tempos exaltantes da Renascença, a Igreja temeu: e Roma passou a controlar essa força espantosamente subversiva que é a Arte. Da Arquitectura à Música, da Paramentaria às Artes Decorativas, tudo ficou sob o controlo rígido das rubricas.

As excepções apenas confirmam o que foi de facto a situação geral: a pesada arte dita *jesuítica*, depois praticamente toda a expressão barroca, os revivalismos arquitectónicos do século passado (neo-clássico e neo-gótico), a invasão da música profana igreja dentro (o bel-canto transportado para o coro), quase nada tiveram de facto a ver com a Fé embora houvessem enchido a Igreja e as igrejas. E tudo o mais foi quase só degradação, visível sobretudo no mau gosto delico-doce e romântico que alimentou a piedade dos nossos avós.

Há, é certo, muitos vultos a destacar: mas, de Messiaen a Corbusier (e relembro apenas um músico e um arquitecto deste século tirados ao acaso de uma lista imensa de artistas *religiosos*), tratou-se sempre de homens isolados, autores de obras verdadeiramente marginais, isto é, descontextadas do sentir do Povo de Deus, e a exprimiram praticamente só interioridades individuais. E ninguém objecte com Bach, por exemplo, que era luterano para além de alemão.

Foram inegavelmente esses nomes, no entanto, que prepararam os tempos do Vaticano II. O Concílio, de facto, abrindo as portas à criatividade e à liberdade, não se podem entender neste campo sem Ronchamp, sem Gaudi, sem Rouault, sem Matisse, sem Rodin, sem Claudel, sem Bresson ou Dreyer, etc, etc, etc.

Mas é preciso que de novo os artistas dêem expressão à Fé do Povo de Deus. Como aconteceu no tempo do Românico e do Gótico, artes anónimas, *populares* por excelência, que exprimiam o

cristão.

Não ignorando neste momento a música composta para a Liturgia da Serra do Pilar já em anos anteriores, alegro-me agora particularmente com as obras de arte que entre nós tempos visto surgirem: o lugar da Partilha Fraternal, a Cruz da Ressurreição e agora um novo paramento. Alguém projectou e outros executaram, é verdade. Mas sempre Irmãos a darem expressão à Fé da Comunidade que por ali passa. E é para mim extremamente significativo que se tenha começado pela expressão visível e material da Partilha Fraternal (Amai-vos...), se tenha passado à Cruz da Ressurreição, e tenha já chegado à celebração da Fé (paramento). E vá continuar-se de imediato ainda na celebração: que vêm aí uma nova Mesa para a Eucaristia e um novo lugar para a Palavra.

Julgo no bom caminho uma Comunidade que é capaz de exprimir a sua Fé deitando mão das múltiplas possibilidades da expressão, de falar com Deus utilizando a única linguagem que ele entende: a humana. E sendo nessa expressão ajudada pelos seus irmãos artistas no projecto, na agulha e no corte, no bordado, na pauta, no canto, na poesia, numa palavra.

Arlindo (FD 456, de 7 de Abril de 1985)

Oremos (...)

Nós te damos graças, Senhor,
pela Palavra escutada e pelo Pão recebido,
sementes do Reino, da terra Nova,
deixados nesta velha terra pelo teu Cristo,
Filho teu e nosso Irmão.
Por Ele o pedimos, na Unidade do Espírito Santo.
Ámen!